

A dialética valores e preços

João Antônio de Paula
Professor da UFMG

Introdução

Hesito em enunciar o tema deste artigo. Há perigos envolvidos. O primeiro é que gera expectativas que, talvez, não sejam satisfeitas. Um outro risco é que induzirá o leitor menos benevolente à abandoná-lo no momento mesmo em que se enuncie seu conteúdo. Não há, neste caso, nem mesmo a possibilidade de reivindicar a "suspension of disbelief"... Não há atenuantes. O tema tem história longa, completa este ano, 1996, seu centenário, e controversa. Para muitos não há propósito em retomá-lo, porque, em seus termos básicos, está resolvido de um jeito ou de outro. Para estes a questão foi resolvida com a demonstração da inconsistência definitiva de uma certa matriz conceitual. Retomar a questão a partir desta matriz seria assim continuar prisioneiro de um fantasma. Diz Steedman - "La 'solución' del problema de la transformación ofrecido por Marx es por entero inacceptable; es internamente incoherente, aun cuando se transformen los precios de los insumos." ... "Los economistas marxistas debieran dejar de perder el tiempo en debates incompetentes sobre sencillas cuestiones de lógica. Cuando se liberen del fantasma del "problema de la transformación", quizá podrán dedicar sus energías al trabajo marxista importante". (STEEDMAN, 1985, p. 35).

Por alguma razão alguns marxistas se recusam a aceitar os bons conselhos e as propostas dos que acreditam já terem resolvido o problema. Talvez pela boa razão de que aceitar o que lhes oferecem os neoricardianos significa abrir mão da sua teoria do valor e com isto da base metodológico-analítica fundamental de sua teoria do capital e do capitalismo.

Neste artigo o tema da transformação dos valores em preços será retomado na perspectiva de que trata-se de questão importante para o desenvolvimento do pensamento marxista, isto é, que o correto enquadramento e enfrentamento do problema reafirma a acuidade teórico-analítica do marxismo.

Fundamentalmente, a tese que se vai defender

aqui é que a tradição da polêmica sobre a transformação, isto é, a busca de um método que estabeleça a passagem dos valores aos preços, como se estes constituíssem dois momentos isolados da dinâmica capitalista, criou um problema inteiramente desfocado cujas soluções ou levam ao abandono da teoria do valor ou à reafirmação de uma pretensa ortodoxia marxiana. Pretende-se apresentar aqui um argumento, que busca enfrentar o problema, a partir do que é rigorosamente fundamental em Marx que é a centralidade da dialética como método e como ontologia. Isto é, enfrentar a questão não mais no plano da afirmação da identidade, nos marcos de uma perspectiva de equilíbrio geral, mas no terreno em que a contradição é o móvel e o conteúdo do processo de determinação dos preços no regime capitalista. Significa, enfim, dizer que não há um "problema de transformação" senão que uma dialética na relação entre valores e preços.

Entre os muitos mistérios que assombam e perturbam a trajetória do marxismo um é particularmente intrigante. Como, por quase cem anos, o marxismo, não se deu conta, de que ao tentar responder à tentativa de invalidação de Böhm-Bawerk, a partir da "solução" de Bortkiewicz, fez entrar e instalar-se, confortavelmente, em seu campo teórico, uma teoria e um método, os walronianos, que lhe são inteiramente estranhos e incompatíveis?

Para muitos marxistas, é certo, isto, na verdade, nunca foi problema porque sempre viram Marx como apenas mais um economista, melhor em alguns aspectos que outros economistas, dotado de perspectiva ético-ideológica superior, mas, ao fim e ao cabo, um economista. Ora, neste sentido aceitar os termos do debate tal como proposto por Böhm-Bawerk/Bortkiewicz é, até, positivo, na medida em que mostra que os marxistas também são capazes de formalizar seus conceitos.

Contudo, a grande questão decorrente desta invasão walraniana é colocar o marxismo a reboque de uma perspectiva teórica, de pressupostos e

implicações radicalmente incompatíveis com o central de sua proposta teórico-metodológica. É o que está amplamente discutido no livro organizado por Alan Freeman e Guglielmo Carchedi, 1996, *Marx and Non-Equilibrium Economics*.

Este ensaio, talvez correndo o risco de certo exotismo, é uma reafirmação da atualidade e vitalidade do marxismo e uma recusa à rendição teórica e política que os vitoriosos de hoje estão exigindo de nós enquanto fazem negócios e barbárie.

Recolocando a questão

Na contestada solução de Marx ao "problema da transformação" o mais recorrente dos argumentos é quanto ao caráter incompleto da "transformação" operada ali que teria deixado de fora a transformação dos insumos. Para resolver esta inconsistência as soluções, a partir de Bortkiewicz, 1906/1907, passaram a adotar o procedimento de determinação simultânea de valores e preços mediante a montagem de sistema de equações simultâneas em que é explícita a inspiração walrasiana. Nestes procedimentos, a presença de Walras é mais que uma inspiração de um método algébrico. É uma exigência teórica forte, o equilíbrio geral, que contrabandado para o marxismo levou, entre outros aspectos, a equívocas interpretações dos esquemas de reprodução de Marx, como nos mostrou Rosdolsky (ROSDOLSKY, 1978, cap. 2, apêndice II).

Contudo, para o argumento que se vai desenvolver aqui, o essencial é lembrar que se o expediente da determinação simultânea de preços e valores mediante sistema de equações tem eficácia matemática, do ponto de vista das determinações reais, ele é uma simplificação destituída de sentido, sem nexos reais, sem causalidades históricas, e que, sobretudo, inderdita a seqüência material de atos de compra e venda, que marca o processo de formação dos preços e que está posto em toda a cadeia de interações que marca o processo da produção à realização final.

O que está implícito no ciclo do capital-dinheiro, descrito por Marx, $D - M \dots P \dots M' - D'$, é a intercorrência de diversos atos de compra e venda no processo mesmo de produção o que significa dizer que a relação entre **produção** e **circulação** não pode ser considerada como uma **seqüência lógico-histórica rígida** senão que momentos interagentes e articulados do mesmo processo global, a produção e reprodução capitalista. Assim o dinheiro, D,

que dá origem ao processo de produção, **compra** meios de produção, **MP**, e aluga Força-de-Trabalho, **FT**, atos que estabelecem de imediato a conexão entre a produção e a circulação, e que explicitam a existência de preços dados, isto é, o mercado de capital constante e o mercado de força de trabalho. A seguir estes elementos são organizados no Processo de Produção, $\dots P \dots$, o qual, ao final, gerará um conjunto de mercadorias, **M'**, que **vendidas**, possibilitarão ao capitalista recuperar o dinheiro inicial que colocou no processo, D, e que foi usado para comprar **MP** e **FT**, e mais um lucro, resultante da mais valia, m, extraída da exploração da **FT**. Esquematicamente:

1º momento: $D - M \begin{matrix} \nearrow MP \\ \searrow FT \end{matrix} \rightarrow \text{compra}$

2º momento: $(MP + FT) \rightarrow \dots p \dots m' \rightarrow \text{produção}$

3º momento: $M' - D' \rightarrow \text{realização} \rightarrow \text{venda}$

Então o processo de produção capitalista, isto é, o processo de produção que visa o lucro, é o resultado de atos que se dão articuladamente nos planos da produção e da circulação. Neste sentido não há propósito em estabelecer a "determinação dos preços como uma seqüência lógica em que primeiro são definidos os valores (plano de produção), que em seguida serão levados ao mercado (plano de circulação) para a aferição social dos valores, isto é, para a determinação dos valores efetivamente sancionados socialmente.

Na verdade o processo de determinação dos preços resulta de uma série sistemática de interações alternadas entre o plano de produção e da circulação, entre valores e preços. O processo inicia-se com um conjunto de preços dados - o preço do capital constante; os salários; os juros; o aluguel; o lucro esperado - é a avaliação destes preços que determinará a forma da produção. Neste sentido quando os capitalistas iniciam o processo de produção estão cientes do conjunto de preços relevantes e só tomam a atitude de produzir porque avaliam viável o negócio dados aqueles preços. O que é, então, incógnita neste processo, que se inicia com o conhecimento, pelo produtor, das condições de mercado? São incógnitas neste processo os elementos mesmo da concorrência: as modalidades concretas de extração da mais valia operadas pelos outros capitalistas; a dinâmica do progresso

tecnológico; a “politização” dos preços decorrente da ação do Estado; a entrada de novos capitalistas no ramo de produção considerado; as modificações no gosto e na preferência dos consumidores...

Neste sentido a determinação dos preços, do ponto de vista da teoria marxista, deve inicialmente abandonar um pressuposto que, até aqui, tem balizado todas as abordagens referentes ao chamado “problema da transformação dos valores em preços”. Trata-se, no fundamental, de superar o procedimento padrão que reduz a questão a um puro exercício de determinação simultânea de preços e valores. Neste caso, como sempre, é essencial ter em conta que a teoria marxista é uma ontologia social o que significa dizer que qualquer procedimento analítico neste campo tem sua validação na medida em que toma a realidade material como seu ponto de partida. Isto significa tomar a realidade como conjunto de atos concretos, historicamente determinados e determinantes.

Um outro aspecto essencial do procedimento analítico marxista legítimo, que é preciso construir no referente à determinação dos preços, é entender o processo não como lógica da identidade mas como dialética, isto é, como contradição, alteridade e ontologia.

A dialética da relação entre valores e preços

Mais de uma vez, quando o objetivo era analisar a gênese histórica do capital, Marx lembrou-nos, que o ponto de partida, a forma inicial, história e logicamente, do capital é a circulação - “A circulação das mercadorias é o ponto de partida do capital” (MARX, *O Capital*, livro I, cap. IV, 1968, p. 165).

No que interessa aqui significa afirmar a anterioridade histórica e lógica da esfera da circulação e todas as conseqüências disto para o processo de determinação dos preços. A circulação, isto é, a existência dos mercados de dinheiro, de produtos, de força de trabalho e seus preços, é um dado desde o início do processo de produção. O processo só será iniciado se o capitalista avaliar, com base nos sinais do mercado, a viabilidade a priori do negócio. A circulação, isto é, os mercados e os preços, estabelece os marcos abstratos, os elementos a priori, capazes de induzir, ou não, o investimento. Então, já desde o início, estão **dados certos preços**, não havendo propósito, senão os decorrentes da utilização de um sistema de equações simultâneas,

em afirmar que os preços serão determinados ao mesmo tempo que os valores, ou as quantidades físicas de mercadorias. Alguns preços antecedem, lógica e historicamente, a produção.

Então, se o capitalista, dada uma estrutura de preços, resolve produzir é porque ele acredita que, independente de sua posição relativa na indústria, ele tem condições, no processo de produção, de se afirmar no mercado, obter lucros etc. Esta crença baseada no seu conhecimento e experiência, e, sobretudo, nos elementos de sua própria estrutura produtiva, significa que o processo de produção, que ele fará deslanchar, é capaz, a priori, de garantir a lucratividade mínima do empreendimento. Tudo então, a partir daí, vai se passar no interior da unidade produtiva de forma a buscar sancionar o lucro esperado pelo capitalista.

Rigorosamente, do ponto de vista lógico-genético, a circulação, os dados preliminares do mercado, a compra de capital constante e variável, é a *tese*, momento abstrato do processo de produção do capital, que terá que ser materializada, mediante o processo de produção que aparece assim como *antítese*. Neste processo reinam, sobretudo, as estratégias concretas da apropriação da força de trabalho pelo capital, as formas concretas da extração da mais valia, que estarão calibradas em função dos sinais de mercado, dos preços pagos pelo capital constante, da taxa de salários, do preço do produto, da tecnologia disponível. No interior da produção, o capitalista tentará superar sua eventual inferioridade tecnológica em relação a seus concorrentes mediante o aumento da exploração do trabalho, fundamentalmente. Neste sentido, a esfera da produção, o processo de produção que se segue à circulação é sua complementação necessária e sua negação. A produção, o processo de extração de mais valia significam a transformação - metamorfose - destruição - recriação do capital constante e variável em mercadoria, que terá que conter além do valor dos custos de produção ($C + V$) o lucro do capitalista.

Contudo, este momento, em que a matéria do capital constante foi transformada, que o capital variável foi posto em ação e tanto conservou o valor do capital constante quanto criou o seu próprio valor e um valor excedente, este momento crucial do processo de produção capitalista ainda não é o que o realiza definitivamente. Há ainda um outro, a *síntese*, tão essencial quanto os anteriores que é do

da venda das mercadorias produzidas, a volta à materialidade ao mercado das novas mercadorias produzidas, e que de novo na circulação confrontar-se-ão com as outras mercadorias produzidas pelos concorrentes.

Neste ponto é importante lembrar que entre o D inicial e o D' final da realização, há descontinuidade espacial e temporal, o que significa dizer que tanto as condições de mercado, a demanda e a oferta, quanto as outras dimensões da concorrência poderão ter sofrido alterações, invalidando ou reforçando as iniciativas dos capitalistas no plano da produção. Trata-se, neste sentido, da síntese do processo, isto é, da reunião dos momentos da circulação inicial e da produção, na **realização**.

O procedimento analítico exposto aqui não acompanha o explicitamento contemplado por Marx, sobretudo o contido no capítulo IX do livro III de *O Capital*. Ali Marx supõe concorrência apenas inter-setorial, quando aqui busca-se construir argumento baseado na idéia de que a dinâmica concorrencial é, concretamente, intra-setorial, isto é, são os capitalistas de um mesmo ramo industrial que efetivamente travam a competição. Também suposto aqui que a concorrência terá os seus limites e possibilidades de transferência intra-setorial de mais valia dados pela diferença entre o produtor mais eficiente e o mais ineficiente. Na base desta interação está a idéia de que todas as tentativas que o produtor ineficiente fizer para se manter no negócio, aumentando a mais valia do ponto de vista absoluto e/ou relativo, pagando salários abaixo do valor da força-de-trabalho, redução dos preços pagos pelo capital constante, todos estes expedientes acabam por ter efeito para o conjunto da economia na medida em que são todos mecanismos que contribuem para o aumento da mais valia global, na medida em que reduzem, numa certa proporção, os custos de reprodução da força de trabalho, e acabam assim, afinal, por beneficiar ainda mais os produtores mais eficientes que, neste caso, se beneficiaram com os expedientes desenvolvidos pelos produtores mais ineficientes, sobretudo quando desenvolvem expedientes que acabam por baixar a taxa de salários, etc...

Trata-se, então, de admitir uma permanente transferência intra-setorial de mais valia na medida mesmo da existência de diferenças significativas entre as estruturas produtivas de um mesmo ramo produtivo.

Como é sabido, sobretudo no capítulo IX, não é este o procedimento de Marx. E por que isto? Porque ali, como em muitos outros momentos da obra, Marx está apresentando seu argumento segundo um alto grau de abstração da exposição. É assim quando ele, por exemplo, for tratar da tendência decrescente da taxa de lucro onde, no capítulo XIII, ele expõe a **lei como tal**, de forma **abstrata, pura, ideal**, deixando para os capítulos XIV e XV a introdução da contradição, da alteridade, a realização da dialética.

É também assim no referente à questão da relação entre valores e preços. O capítulo IX faz abstração da concorrência real, toma o capital como **média**, como totalidade homogênea e aí, a concorrência aparece apenas como fenômeno inter-setorial.

Contudo, no capítulo X, há uma mudança de registro do texto, que incorporará de forma rica e flexível, vários elementos que devem compor uma teoria de concorrência real, isto é, dos vários capitais, das contradições entre eles, da presença da oferta e demanda como participantes do processo global da formação dos preços.

Apesar de Marx não ter escrito o seu projetado livro sobre a concorrência, neste capítulo X encontram-se diversas pistas de como, talvez, ele o fizesse, abrindo caminho para a atualização e complementação necessária de sua teoria.

Aspectos quantitativos da relação entre valores e preços

A lógica do argumento que se defende aqui está baseada em dois princípios:

1) Na necessidade de se levar a sério o método dialético também no referente à relação entre valores e preços e 2) na compreensão da realidade econômica como totalidade histórica concreta, isto é, como realidade complexa e contraditória em sua dinâmica.

Neste sentido, os esquemas analíticos quantitativos que serão expostos a seguir devem ser entendidos como aproximações simplificadoras de uma realidade em constante mutação, onde não há lugar para identidades e equilíbrios como metas e princípios.

A mecânica de construção dos esquemas quantitativos que se vai apresentar difere dos esquemas tradicionais na medida em que tenta reproduzir a marcha real dos diversos momentos

do processo de produção capitalista, o que significa admitir a interação-alternância entre os planos da circulação e de produção, a partir da seqüência circulação-produção-circulação, e entre valores e preços a partir da seqüência preços-valores-preços.

Admita-se, em primeiro lugar, uma indústria onde existam três empresas, A, B, C, com as imposições orgânicas do capital diferentes, responsáveis respectivamente por 20%, 60% e 20% da oferta, e equilíbrio entre oferta e demanda. Isto significa dizer que, neste caso, o produtor B, será o produtor modal, isto é, definirá os parâmetros básicos, da oferta, o preço de produção. Admita-se também que o produtor A detém tecnologia superior utilizando-se de equipamentos e materiais auxiliares mais avançados, pelos quais pagou 60\$ aos quais associou trabalhadores, que deverão receber salários no valor de 40\$. O produtor B pagou 50\$ pelo capital constante que vai utilizar e pagará, no prazo do contrato, 50\$ em salários. Finalmente o produtor C pagou 40\$ pelo capital constante e pagará 60\$ de salários, tendo tecnologia inferior.

Além destes preços dados, também são conhecidos o preço de mercado do produto, os juros e os aluguéis. É a partir destes preços dados que os capitalistas, os produtores A, B e C, colocarão em marcha o processo de produção. Para cada nível de preço do produto e para cada nível da taxa de juros os produtores, em função de sua estrutura técnica da produção e das relações concretas de dominação do trabalho, adotarão estratégias que implicarão em tentativas de renegociar preços de capital constante, salários, juros e aluguéis, redefinição da jornada de trabalho, esforço de venda, busca de subsídios, incentivos e proteção etc. Contudo, a grande e fundamental estratégia que os produtores podem adotar é a alteração das formas concretas de extração da mais valia. É sobretudo neste plano, no domínio concreto do capital sobre a força-de-trabalho que as eventuais debilidades tecnológicas de um produtor poderão ser compensadas pelo aumento da exploração do trabalho.

Admita-se inicialmente situação de equilíbrio de mercado, isto é, igualdade entre oferta e demanda. Neste caso o preço tende a ser fixado pelo produtor modal B, o que significa dizer que o preço será fixado num nível que cubra os custos de produção (PC + PV) mais o lucro do produtor (L). Este lucro é produto de extração de trabalho não pago à Força de Trabalho. A taxa de exploração da Força de

Trabalho, a taxa de mais valia, vai depender, em cada caso, do preço de mercado do produto, da estrutura técnica da produção, da etapa vigente do ciclo econômico, da política de Estado e do grau de organização dos trabalhadores.

Admita-se que o produtor B fixe sua taxa de exploração em 100%, isto é, que obtenha 50\$ de lucro. Neste caso o preço de mercado do produto será igual a 150\$. Neste caso, restará aos produtores A e C se adaptarem ao preço de mercado o que implicará no caso de C, para se manter competitivo, aumentar sua taxa de mais valia e/ou reduzir os salários. Quanto ao produtor A ao vender seu produto ao preço do mercado, 150, se apropriará de um lucro extraordinário de 10.

Contudo, não é esta a dinâmica real da determinação dos preços. O exposto acima, na verdade, está condicionado a um equilíbrio estático onde cada produtor se contenta com uma fatia de mercado dada e irremovível. Na realidade da dinâmica capitalista todos os três produtores procurarão aumentar seus lucros seja por meio da redução de seus custos, seja pela ampliação de suas participações no mercado. Todos estes objetivos estão, em última instância, vinculados à capacidade dos capitalistas em aumentarem suas taxas de mais valia.

De qualquer modo, na situação anterior não há qualquer propósito em aceitar que o produtor mais ineficiente se beneficie disto. Na verdade este produtor, por estar produzindo em condições inferiores à moda, será penalizado na medida em que estará dispendendo um tempo de produção superior ao que é socialmente necessário e que é definido pelo produtor modal, nas condições de equilíbrio entre oferta e demanda. Assim, na verdade, o produtor C, ao ter um custo de produção superior ao do produtor B, terá um prejuízo aproximadamente igual à diferença entre seu custo de produção e o do produtor B, isto é, 10\$.

Contudo, o processo não se encerra aí. De posse deste dado objetivo, a diferença entre seu preço de produção (PC + PV + L = 160\$) e o preço de mercado, que no caso aqui é igual ao preço de produção do produtor B, isto é, 150\$, o produtor C poderá desenvolver uma estratégia de permanência na indústria mediante o aumento de sua mais valia sob a forma absoluta (aumento da jornada e/ou intensificação da jornada de trabalho) ou mesmo

redução dos salários. Estas estratégias, na verdade, acabarão beneficiando os produtores A e B na medida em que o aumento da mais valia do produtor C significará redução, em algum grau, dos custos gerais de reprodução da força-de-trabalho e/ou redução dos salários.

Assim, a tentativa do produtor C de se manter na indústria acaba por beneficiar os produtores mais eficientes, instituindo-se, efetivamente, um processo de transferência de mais valia dos setores mais atrasados para aqueles de tecnologia superior.

Numa visualização esquemática:

QUADRO I

Oferta igual à demanda

onde:

Preço inicial é o preço vigente no mercado no momento da decisão do investimento.

PC preço do capital constante

PV preço da força de trabalho = salário

M* mais valia efetiva extraída em cada setor

L* Expectativa de lucro máximo proporcional dos produtores

PP* Preço de produção

ME Mais valia extra extraída e transferida dos produtores ineficientes para os eficientes

MT Mais valia total efetivamente apropriada por cada setor

PM Preço de mercado efetivamente praticado

TL Taxa de lucro sobre o capital total

classes.

No esquema anterior não foi explicitada a relação essencial entre valores e preços, o que poderia conduzir à falsa idéia de que se assume aqui a ociosidade da teoria do valor tal como afirmam neoclássicos, como Samuelson, e neoricardianos. Ao contrário disso, neste ensaio a teoria de valor é fundamento necessário e imprescindível para uma compreensão crítica da realidade econômica capitalista.

Neste sentido cabe destacar os momentos centrais da relação entre valores e preços, do trabalho abstrato como substância de valor. Em primeiro lugar lembre-se que é atributo intransferível do trabalho vivo, a capacidade de conservar valores pretéritos contidos no capital constante, mediante sua transferência para os valores das mercadorias num processo que Marx chamou de depreciação. Também prerrogativa exclusiva da força de trabalho é a capacidade de criação de valores novos, de seu próprio valor, *v*, e a criação de valor excedente, mais valia, *m*. Assim, quando os capitalistas vão ao mercado e compram capital constante, *c*, a conservação deste valor, a possibilidade de no final do consumo produtivo deste capital, poderem comprar novos elementos de capital constante, no mesmo valor que o inicial, é resultado da ação essencial e exclusiva da força de trabalho.

Um outro momento em que esta dimensão essencial da força de trabalho se manifesta, onde a massa de valores produzidos, a quantidade de trabalho materializado em valores de uso se faz decisiva, é no referente à produção e apropriação de lucros.

Os capitalistas se apropriarão de lucro na quantidade total da mais valia gerada, isto é, do trabalho não pago apropriado pelos capitalistas. Daí que a soma total dos lucros será sempre igual

à soma total da mais valia.

No esquema anterior sintetizado no QUADRO I, tomou-se uma situação de equilíbrio entre oferta e demanda. Se se alterar este suposto conservando-se as outras condições ter-se-á o seguinte:

	circulação			produção					circulação	
produtor	preço inicial	PC	PV	M*	L*	P.P*	ME	MT	PM	$TL = \frac{MT}{PC+PV}$
A	150 \$	60 \$	40 \$	40	40 \$	140 \$	10	50	150 \$	50%
B	150 \$	50 \$	50 \$	50	50 \$	150 \$	-	50	150 \$	50%
C	150 \$	40 \$	60 \$	60	60 \$	160 \$	-10	50	150 \$	50%
Σ	140 \$	150 \$	150 \$	150	150 \$	450 \$	0	150	450 \$	

Registre-se que estes são resultados aproximados na medida em que haverá sempre diferença entre valores, preços de produção e preços de mercado, na medida mesmo em que estão se alterando, continuamente, tanto as condições técnicas, quanto as relações econômicas, o quadro político, a luta de

QUADRO II

Oferta maior que a demanda

que os produtores A e B poderão ampliar seus lucros, mediante ampliação de suas fatias de

		circulação		produção					circulação	
produtor	preço inicial	P.C	P.V	M*	L*	P.P*	ME	MT	P.M	$TL = \frac{MT}{PC+PV}$
A	150 \$	60 \$	40 \$	40	40 \$	140 \$	10	50	150 \$	50%
B	150 \$	50 \$	50 \$	50	50 \$	150 \$	-	50	150 \$	50%
C	150 \$	40 \$	60 \$	60	60 \$	160 \$	-10	50	150 \$	50%
Σ	450 \$	150 \$	150 \$	150	15 \$	450 \$	0	150	450 \$	

mercado, reduzindo seus preços até seus preços de produção. Esta estratégia obrigará o produtor C a desenvolver também aqui estratégias de aumento da mais valia/redução de salários o que acarreta

Neste caso os mesmos elementos que foram aduzidos para explicar a permanência do produtor C, no caso de equilíbrio entre oferta e demanda, serão consideradas aqui com a seguinte consequência: a permanência dos produtores B e C na indústria depende da capacidade deles de aumentarem suas mais valias absolutas e/ou da redução de salários o que, sobretudo, beneficiará o produtor A que poderá até ampliar seus lucros bastando para isto que reduza seus preços, ampliando assim sua fatia de mercado, em detrimento de B e C, o que só é possível porque o esforço de permanência deles na indústria tem como resultado prático a redução do custo de reprodução da força de trabalho e/ou dos salários.

Num terceiro momento considere-se a situação em que a demanda é inferior à oferta:

QUADRO III

Oferta menor que a demanda

na prática transferência de mais valia do setor C para A e B.

Não se depreenda destes esquemas um algoritmo exato da transformação dos valores em preços. Na verdade não há transformação dos valores em preços, não há uma separação rígida entre o momento de produção - valores e o momento de circulação - preços. A produção e a circulação são esferas interagentes em que a informação de uma esfera - conjunto dos elementos que definem a concorrência (circulação) - determina a dinâmica concreta das formas de extração da mais valia (Produção).

Por isto mesmo, porque se está considerando um processo em que as mudanças não são sincronizadas e nem absolutamente proporcionais, a igualdade entre a massa total de mais valia e a de lucros e a igualdade entre a taxa de lucro medida em termos de valor e a taxa de lucro medida em termos de preço, são tendências, são aproximações à uma

		circulação		produção					circulação	
produto	preço inicial	P.C	P.V	M*	L*	P.P*	ME	MT	P.M	$TL = \frac{MT}{PC+PV}$
A	160 \$	60 \$	40 \$	40	40 \$	140 \$	+20	60	160 \$	60%
B	160 \$	50 \$	50 \$	50	50 \$	150 \$	+10	60	160 \$	60%
C	160 \$	40 \$	60 \$	60	60 \$	160 \$	0	60	160 \$	60%
Σ	480 \$	150 \$	150 \$	150	150	450 \$	+30	180	480 \$	60%

realidade, o capitalismo, definitivamente infenso ao equilíbrio e à identidade.

Contudo, admitir a alteridade, o desequilíbrio, como centrais na dialética valores-preços não sig-

Nesta terceira situação, o aumento da demanda faz com que haja uma elevação do valor social do produto, isto é, um aumento do seu tempo de trabalho socialmente necessário. Isto significa dizer

nifica abrir mão do rigor, contentar-se com o casuístico. Rigorosamente, o que parece arrepiar os cultores do fetichismo da identidade e do equilíbrio, para manter a universalidade do argumento basta

que se estabeleça um conjunto de relações sistemáticas entre as categorias em pauta de modo a garantir sua sistematicidade, isto é, as condições básicas da reproduzibilidade do sistema. No caso em pauta trata-se de construir as relações teóricas básicas que garantam a reprodução capitalista. Estas relações teóricas incidirão, necessariamente, sobre os elementos do próprio processo de reprodução capitalista - capital constante, capital variável e mais valia.

No referente ao capital constante, a condição básica capaz de garantir a reprodução do sistema é que o preço do capital constante P.C seja reproduzido mediante a ação do trabalho vivo, que a cada período de produção transferirá - descongelará uma parte do valor contido no capital constante numa fração proporcional à sua vida útil operacional, algebricamente $P.C = c_{i=1, \dots, n}$ (1)

O capital variável, utilizado para alugar Força de trabalho, fonte de valor e mais valia, tem um preço que é igual à massa de salários. A reprodução básica do sistema estará assegurada mesmo com a flutuação do salário desde que no intervalo que vai de um mínimo, que é dado pelo mínimo de subsistência, a um máximo, que é o salário acima do qual a acumulação de capital fica comprometida. Esquemáticamente

$$\text{Min.} \leq \text{Subs.} \leq \text{salário} \leq \text{Máx.} \quad (2)$$

Finalmente, no referente à mais valia a relação básica essencial é a que estabelece: 1) a mais valia é a fonte básica de todo excedente apropriado pelos capitalistas sob qualquer forma de renda - lucro, aluguéis, juros; 2) a soma total da renda capitalista é igual à soma total da mais valia. Algebricamente

$$\Sigma M = \Sigma L \quad (3)$$

As três condições básicas de reprodução estabelecidas poderão não se verificar, ao menos temporariamente, isto é, $P.C > c$; significando descapitalização; o salário poderá ser menor que o **Min. sub.** ou maior que o **Max.** acarretando num caso a não reprodução da Força de Trabalho, noutro a redução do ritmo de acumulações; finalmente, $M < L$ na medida em que o capital burlar a equivalência nas trocas, isto é, quando por exemplo pagar salário menor que o mínimo de subsistência. De qualquer modo, estas situações, se se repetirem, comprometerão a continuidade do processo.

Trata-se, enfim, de apontar a existência das

condições básicas de funcionamento da dialética entre valores e preços sem que isto signifique a fetichização do equilíbrio, mas a presença de faixas de vigência dos fenômenos, onde há lugar para a alteridade, para a ruptura, para a crise.

Circulação ou produção

A tradição *sraffiana*, adotada amplamente, inclusive por quem se reclama marxista, entre outras consequências importantes sobre o conjunto da teoria econômica, implicou em estabelecer uma rígida separação entre produção e distribuição, a qual se daria no plano da circulação e seria determinada, em última instância, pela luta entre capital e trabalho, enquanto que a produção seguiria sendo o reino das relações técnicas. Esta "politização" da distribuição, adotada, por exemplo, pela Escola da Regulação, acaba sendo, por outro lado, uma "fetichização" da produção, tomando como espaço técnico, neutro, infenso à luta de classes. Ora, do ponto de vista de Marx a luta de classes não tem espaços restritos, ela se manifesta em todos os planos da vida social. Não há razão para excluir a produção de sua ação. Na verdade, o processo de trabalho, isto é, a forma concreta de produção de valores de uso, é inteiramente condicionada pela dinâmica da luta de classes seja ao materializar as estratégias de exploração do trabalho seja ao contemplar as estratégias de resistência e luta dos trabalhadores.

De outro lado há os que, como João Bernardo, insistem na centralidade-hegemonia da produção transformando a esfera da circulação em mera coadjuvante de um processo definido, quase que inteiramente, no plano de produção - "no capitalismo, é devido à concorrência na produção que os produtos são socializados no mesmo processo por que são produzidos, antes portanto de alcançarem a esfera do mercado. Esta é meramente acessória, de antemão determinada na esfera da produção e, por isso, os mecanismos da circulação são neste modelo constituídos fundamentalmente pela repartição intercapitalista da mais valia, a qual decorre da concorrência na produção." (BERNARDO, 1991, p. 228).

Para Bernardo teria sido o próprio Marx que teria induzido uma leitura que apontaria o mercado, como a única instância capaz de garantir a sociabilização do processo - "Para Karl Marx, a inter-relação econômica se estabeleceria no mercado; na esfera

da produção, os bens apenas antecipariam o caráter social, em função de uma futura sociabilização na esfera da circulação". (BERNARDO, 1991, p. 228).

Num registro mais nuançado, também Sérgio Silva aponta os "descuidos" de Marx, em alguns trechos de *O Capital*, quando

trata a **circulação** como momento separado e posterior ao da produção - "Esses efeitos de separação conduzem a uma ilusão sobre a possibilidade de conceber e, mais geralmente, tratar a circulação de modo isolado, como um momento **posterior** ao momento da produção, quando, na verdade, essa **seqüência** é puramente **lógica**; na prática, circulação e produção são processos concomitantes".

"Sem a preocupação de desculpar o grande mestre, cabe afirmar que os trechos de Marx possíveis de servirem de base a esse mal-entendido devem ser interpretados como "descuidos", posto que já no primeiro parágrafo do primeiro capítulo do Livro III de *O Capital*, como se não bastasse o título do próprio Livro III, ele afirma que o seu objetivo é, através da consideração dos problemas particulares da circulação, tratar do **processo de produção no seu conjunto**". (SILVA, 1981, pp. 115-116).

Sérgio Silva tem razão quando aponta a impropriedade de se falar da realidade da produção anterior e isolada da realidade da circulação. Contudo, seu argumento - produção e circulação como processos concomitantes - não explícita, suficientemente, a estratégia conceitual de Marx, a presença neste passo, absolutamente fundamental, da **dialética**. Falar que produção e circulação são concomitantes pode ser apenas uma justificativa para a utilização do sistema de equações simultâneas na "transformação dos valores em preços". O que o argumento que foi desenvolvido aqui procurou mostrar é que **não há passagem dos valores aos preços**, porque não há um **momento real**, isolado no tempo e no espaço, em que os valores gerados são levados ao mercado para adquirirem caráter social. Na verdade, a relação entre valores e preços não é binária. Não se trata de realizar as passagens/transformações:

1) de valores a preços

2) de produção para a circulação

3) do trabalho individual para o trabalho social.

Na verdade, a lógica da construção de Marx está baseada em triades dialéticas, representadas abaixo:

I) 1)trabalho universal →	2) a)trabalho privado b)trabalho concreto c)trabalho complexo d) trabalho individual	3) a') trabalho social b') trabalho abstrato c') trabalho simples d') trabalho socialmente necessário
II) 1) circulação →	2) produção →	3)circulação
III) 1)preços →	2) valores →	3)preços

O que significa dizer que os atos privados de compra e venda, a exploração individual da força de trabalho, o caráter concreto, complexo, heterogêneo e individual do trabalho, tal como expostos por Rubin (RUBIN, 1974, p. 180) são, na verdade, as manifestações necessárias e possíveis de um processo que é essencialmente universal, social, é totalidade, e que, no regime capitalista, só pode se manifestar de forma alienada, particular, finita.

Em tempo

Antes de dar por terminada a imprudente jornada talvez se imponha a necessidade de sumarizar os pontos principais do que se procurou dizer.

1. Em primeiro lugar registre-se que grande parte dos problemas, reais ou imaginários, atinentes à relação entre valores e preços, na obra de Marx, decorrem da reiterada incompreensão, que aliados e adversários, têm de sua metodologia. É amplamente conhecida a estrutura da exposição de *O Capital*, que avança do abstrato ao concreto, cuja dinâmica é dada por **demarché** lógico-genética, isto é, as categorias analíticas construídas por Marx não são nem pura facticidade-imediaticidade, nem pura abstração; são entidades ontológicas, unidades elementares de uma realidade - totalidade - em movimento, cuja expressão necessária é a contradição. Trata-se, neste sentido, de entender que a compreensão da obra de Marx, pressupõe, fortemente, levar a sério a dialética, dar-lhe consequência analítica.

No que interessa especificamente a este ensaio

trata-se de desfazer o equívoco interpretativo da teoria do valor de Marx. Esta teoria não está exposta no Capítulo I, do livro I de *O Capital*. A teoria do valor de Marx não tem vigência apenas no plano de uma sociedade mercantil simples, baseada na troca entre produtores independentes.

Este é apenas o primeiro momento, lógica e geneticamente necessário, de afirmação de uma realidade, o **valor**, que só poderá ser apreendida quando se a reconstituir em sua trajetória histórica, de suas formas mais elementares abstratas, até a culminância de sua complexificação, quando estiver mergulhada na concreticidade dos vários capitais em disputa, no meio do torvelinho da concorrência.

O Capital, em seu livro I, realiza um primeiro movimento: o valor transita da situação inicial onde está considerado numa sociedade mercantil simples para os quadros de uma sociedade mercantil-capitalista, isto é, em que o trabalho já se separou dos meios de produção, que agora são monopolizados por uma outra classe. Contudo, esta sociedade continua sendo pensada abstratamente, o *Capital* aí, ainda, é uma totalidade abstrata-homogênea o que garante afinal uma permanente identidade entre valores e preços.

Marx indicou, mais de uma vez, que seu método impunha um caminho sistemático-inescapável do abstrato ao concreto, o que significa dizer que não é possível surpreender a totalidade complexa, a realidade pensada e apreendida pelo conceito, em todos os momentos da caminhada. Isto é, há uma progressão heurística das categorias analíticas em Marx, nem todas as categorias permitem acesso imediato ao real. Na verdade o que Marx mostrou, insistentemente, é que a aproximação do real é possível na medida em que se construa uma rede de **mediações**, que se vá enriquecendo as categorias analíticas mais simples, como o valor tal como aparece no capítulo I do Livro I, com a constelação de complexidades que a sua trajetória vai experimentando.

Karel Kosik, em seu notável *Dialética do Conceito*, descreveu este processo como a **Odisséia** da categoria mercadoria, odisséia que teria seu desenlace quando o herói, transformado pela vivência-aspereza de sua experiência, voltasse ao seu lugar de origem metamorfoseado pelo que viveu e experimentou.

Se a odisséia homérica é o roteiro, a odisséia da mercadoria não o percorreu inteiramente. A

mercadoria, que Marx acompanha e descreve, se multiplica, se enriquece, complexifica-se, desdobra-se, torna-se **capital**. Contudo, este capital continua aquém de sua plena constituição porque continua genérico, abstrato, capital em geral, mesmo no livro III. Daí que, efetivamente, não se tenha realizado a metamorfose final: do capital em geral para os vários capitais; da concorrência abstrata para a concreticidade-alteridade da concorrência real; dos valores aos preços de mercado; ...

Não entender isto, buscar no capítulo I do livro I uma teoria completa do valor, ou ainda mais grave, tomar este capítulo e associá-lo ao capítulo IX do Livro III e extrair daí uma **condenação** ou **aprovação** da teoria do valor de Marx é de uma total impropriedade. A teoria do valor de Marx é, com certeza, a base de uma teoria dos preços, contudo, isto só faz sentido em Marx como parte de uma teoria do capital. Isto significa dizer que é no contexto de uma teoria do capital é que se deve entender a teoria do valor e dos preços em Marx. E uma teoria do capital em Marx é, sobretudo, uma teoria da desigualdade, do conflito, do desequilíbrio, da alteridade.

2. É uma explícita incompreensão deste aspecto do método de Marx, a teoria do capital como teoria da desigualdade, que norteou grande parte do que se escreveu sobre a relação entre valores e preços. Um exemplo disto está em Paul Sweezy, representante de uma importante tradição sobre esta questão, a que incorpora as soluções do tipo Bortkiewicz, vê no respeito às condições de equilíbrio da reprodução simples a garantia de um método correto de transformação de valores em preços. Diz ele - "Se o processo usado na transformação de valores em preços for considerado satisfatório, não deve resultar na ruptura das condições de reprodução simples" (...).

"O exame desse quadro revela que o método marxista de transformação resulta numa violação do equilíbrio da Reprodução Simples". (SWEETZY, 1967, p. 142.).

As condições básicas capazes de garantir a reprodução do sistema não são, historicamente, as do equilíbrio seja no caso da reprodução simples, seja no caso da ampliada. As equações de equilíbrio da Reprodução Simples ou ampliada, não são metas perseguíveis pelo capital, não são os similares marxistas do equilíbrio geral. Aquelas equações, por suas condições restritíssimas, apontam na verdade

para o quanto a economia capitalista é incompatível com o equilíbrio. Neste sentido não há propósito em impor à relação entre valores e preços a cláusula do equilíbrio na reprodução. A reprodução real, historicamente condicionada, está, sistematicamente, ocorrendo de forma desequilibrada, num processo em que as crises, as rupturas são consequências necessárias de uma realidade marcada pelo conflito, pela desigualdade.

3. Também importante é registrar que a materialização de uma solução adequada para a relação entre valores e preços, depende do desenvolvimento de uma teoria da concorrência, isto é, de uma teoria que incorpore as estruturas oligopólicas e seus mecanismos de formação de preços e diferenciação de taxas de lucro; o sistema financeiro e sua plétórica presença contemporânea; a expansão de economias não capitalistas, baseadas em formas comunitárias - cooperativa - familiares de propriedade e circuitos não capitalistas de produção e circulação; o Estado e a luta política da sociedade civil, sua organização em sindicatos, associações, partidos, etc.

Bibliografia

- BERNARDO, João. *Economia dos conflitos sociais*. São Paulo, Cortez, 1991.
- FREEMAN, Alan e CARCHEDI, Guglielmo. (Orgs.). *Marx and Non-Equilibrium Economics*. UK, USA, Edward Elgar, 1996.
- MARX, Karl. *O Capital*, trad. port., Livro I, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- ROSDOLSKY, Roman. *Genesis y Estructura de "El Capital de Marx"*, trad. esp., México. Siglo XXI, 1978.
- RUBIN, Isaak I. *Ensayos sobre la Teoría Marxista del Valor*. trad. esp., Buenos Aires, Siglo XXI, 1974.
- SILVA, Sérgio. *Valor e Renda da Terra*. São Paulo, Polis, 1981.
- STEEDMAN, Ian. *Marx, Sraffa y el problema de la Transformación*. trad. esp., México, FCF, 1985.
- SWEEZY, Paul. *Teoria do Desenvolvimento Capitalista*. 2ª edição, trad. port., Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

Professor e pesquisador do CEDEPLAR/FACE/UFMG.